



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12185 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 20 - Psicologia da Educação

**O INÍCIO DA VIDA ESCOLAR: DRAMAS NA CONSTRUÇÃO DE AMIZADES**

Marcela Aparecida Moreira Araujo - PUC-CAMPINAS - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

Maria Silvia Pinto de Moura Librandi da Rocha - PUC/CAMP - Pontificia Universidade Católica de Campinas

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

### **O INÍCIO DA VIDA ESCOLAR: DRAMAS NA CONSTRUÇÃO DE AMIZADES**

O tema focalizado é a transição de crianças da Educação Infantil (EI) para o Ensino Fundamental (EF). Em torno desse tema, seja na literatura científica, em documentos oficiais (publicados como diretrizes para os dois segmentos em foco), nas vozes de professores, equipes gestoras, familiares e crianças, uma questão mostra-se indiscutível: o encerramento das experiências das crianças na EI e o seu ingresso no EF é um marco na vida infantil, conforme mostram Gonçalves e Rocha (2021), por exemplo.

Fundamentando-nos na Teoria Histórico-Cultural, destacamos que mudanças no lugar social que as crianças ocupam transformam todo o sistema de relações entre elas e com os adultos, o que implica alterações importantes na sua formação e desenvolvimento cultural. E é exatamente isso que ocorre no início da vida escolar. A entrada no primeiro ano do EF pode transformar de forma radical a personalidade infantil (VIGOTSKII, 1988). Modifica-se, substancialmente, a situação da criança perante a sociedade, porque começa a realizar uma atividade muito valorizada: o estudo. Sendo assim, “o ingresso na escola representa uma virada na vida da criança, que muda toda sua forma de existência, situa-a numa nova posição social e lhe possibilita novas relações com o adulto e com seus coetâneos”. (MUKHINA, 1996, p. 297)

Compreender como se dá a passagem da EI para o EF não é, portanto, objetivo irrisório. Nesse trabalho, recorte de pesquisa mais ampla, o interesse recai sobre a escuta

sensível a respeito do que dizem as crianças, no/sobre o processo de transição.

Desenvolvida pela aplicação de um jogo de tabuleiro, a pesquisa foi realizada com 27 ingressantes no EF, organizadas em grupos de 2 a 4 participantes. O tabuleiro tem percurso desenhado ao modo tradicional de jogos de trilha; as casas do percurso são brancas (casas neutras); azuis (com tarefas como: imite o animal de que você mais gosta) e amarelas (convidam as crianças a narrarem situações da transição e da vida escolar). Organizadas as partidas pela pesquisadora, as crianças tinham liberdade de responderem às questões à sua maneira, não sendo as respostas avaliadas como certas ou erradas. A principal regra era estimulá-las a expressarem suas experiências, sentimentos ou ideias, sendo desejável que opinassem, comentassem, completassem, discordassem das respostas dadas pelos colegas. As partidas foram vídeo filmadas, transcritas na íntegra e analisadas nos seguintes núcleos: o espaço desconhecido/conhecido, lugar preferido, atividades de que gostam/não gostam, o que deveria ter na escola, comparação entre a EI e o EF, amizades e sentimentos.

Examinamos de modo mais detalhado os dizeres das crianças sobre a importância e os desafios na construção das amizades, por ser tema menos frequente nos trabalhos sobre transição, mas que nas falas dos participantes vem acompanhado de marcas afetivas intensas. No presente resumo apresentamos três trechos do material empírico:

### **Trecho 1**

**Pesquisadora:** Você teve dificuldade para fazer amigo?

**Léo:** Não. Lá na creche, eu e o Daniel já era amigo, e tinha mais um carequinha, mais um pequenininho. Ô, saudade do carequinha...

**Daniel:** Mó da hora ele era, né?

**Pesquisadora:** Vocês vieram da mesma escola?

**Daniel:** É... O carequinha... Eu acho que não estuda aqui.

### **Trecho 2**

**Pesquisadora:** Estela, você teve dificuldade para fazer amigos aqui?

**Estela:** Muita dificuldade. Muita. Igual no Franciscano [refere-se à EI]. Todo mundo me odiava no Franciscano, só por causa da minha cor. No Franciscano faziam racismo comigo, eu ficava solitária num canto, nem a professora nem ligava para mim. Daí eu entrei nessa escola e pensei “aqui vão fazer racismo comigo também”. Foi difícil para fazer amigos.

**Ana:** Mas você tem o Geovane, você tem o Fábio, você tem eu.

**Estela:** Agora eu tenho um monte de amigos.

**Pesquisadora:** Você estava com medo de não conseguir fazer amigos aqui também?

**Estela:** É, fiquei com muito medo. Então, sabe aqueles pilares que tem lá fora? Eu ficava sempre lá, quieta.

### Trecho 3

**Pesquisadora:** No seu primeiro dia de aula você ficou triste também?

**Adrian:** Sim e tímido.

**Pesquisadora:** Por que você ficou tímido?

**Adrian:** Porque não tinha amigo.

**Pesquisadora:** Estava com medo de não conseguir fazer amigos?

**Adrian:** Não, também nem queria fazer amigos.

**Krislayne:** Eu sou cheia de amigos.

**Pesquisadora:** Foi difícil fazer amigos aqui?

**Adrian:** Foi. Demorou muito tempo para eu fazer amigos.

**Pesquisadora:** E você quer fazer mais amizades aqui?

**Adrian:** Não, escola é para aprender, não para fazer amigos.

A leitura do material em sua totalidade nos mostra que mais da metade das crianças relataram dificuldades para construir amizades, colocando em cheque a tendência de se crer que se trata de capacidade natural, sem necessidade de mediações. Em nenhum dos relatos registramos menção à participação de professoras ou de algum adulto para auxiliar os alunos a se conhecerem, criarem vínculos entre si, superarem os mencionados sentimentos de medo e timidez. Ao contrário, tanto ações com êxito, quanto inibições e dificuldades são reputadas pelas crianças à maior ou menor desenvoltura individual. Frases como “*eu pedi amizade para várias pessoas, mas eles não gostam de mim*” ou “*Tipo assim, eu converso com a pessoa, depois eu a chamo de amiga e depois eu falo: tchau amiga*” ilustram as formas de pensar nesse processo como algo de responsabilidade pessoal e para o que não se vislumbra a possibilidade de pedir ajuda. Sendo assim, identificamos um movimento instigante na nossa cultura: tendo sido auxiliadas por adultos (especialmente por mães) para fazerem amigos nos três primeiros anos de vida (cf. SILVA et al, 2008), na medida em que as crianças crescem parece formar-se um consenso de que não precisam de auxílio. Isso pode ser correto em alguns casos, mas não em todos, como mostram nossos participantes.

O material empírico produzido evidencia que o início da vida escolar e a inserção no novo contexto social é um processo complexo e de longa duração. As experiências de Estela,

Léo e Adrian contrastam bastante, mas, de cada uma delas podemos extrair pistas para ações protetivas que escolas, professoras e famílias podem realizar. Dois pontos consolidam essa proposição: estudos mostram que na fase de 6-7 anos dentre as três principais fontes de amizades (escola, a vizinhança e família) a escola se destaca como local de onde advém praticamente metade dos amigos e principal espaço de encontro entre eles (GARCIA, 2005); mostram, ainda, que na infância os amigos representam fonte de apoio social importante, particularmente de apoio emocional (PEREIRA, 2022; DAUT et al, 2007).

Concluimos ressaltando que a pesquisa colocou em foco pequenos dramas vividos pelos participantes, até então invisíveis aos olhos da professora e da pesquisadora. A invisibilidade, entretanto, não os torna menos potentes na formação da personalidade de cada criança e das tramas (tão importantes) que vão se entrecendo (ou não) nas histórias de vida. Requerem, portanto, atenção e cuidado.

**Palavras-chave:** transição, início da vida escolar, amizade.

DAUDT, P.; SOUZA, L. K.; SPERB, T. Amizade e Gênero nos Conflitos de Pré-escolares. *Interpersona* 1 (1) – June 2007.

GARCIA, A. *Psicologia da Amizade na Infância*: uma introdução. Vitória: UFES. 2005.

GONÇALVES, L. dos S; ROCHA, M. S. P. M. L. da. Documentos oficiais, pesquisas acadêmicas e práticas pedagógicas na construção da transição entre Educação Infantil e Ensino Fundamental. *Ensino Em Re-Vista*. Uberlândia, v. 28, p.1-24, 2021.

MUKHINA, V. *Psicologia da Idade Pré-escolar*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PEREIRA, A. O. Amizade e Educação Infantil. *Pro-Posições*, v.33, p.2-28, 2022.

SILVA, G. R. da; GARCIA, A. Os primórdios da amizade na infância: a perspectiva materna. *Paidéia*, 2008, 18(41), 591-604.

VIGOTSKII, L. S. Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo: Ícone.1988.